

RESENHA

CICILLINI, Graça Aparecida; BARAÚNA, Silvana Malusá. (Org). *Formação Docente: saberes e práticas pedagógicas*. Uberlândia: Edufu, 2006.

*Liliane Campos Machado**

Trata-se de uma coletânea composta de nove textos, elaborados por professores da graduação e da pós-graduação, graduandos em Pedagogia, mestres e mestrandos em Educação da Universidade Federal de Uberlândia. A obra apresenta resultados de estudos e pesquisa de docentes e discentes vinculados, direta ou indiretamente, ao projeto de pesquisa “Desenvolvimento Profissional e Docência Universitária: saberes e práticas educativas”, desenvolvido pela Linha de Pesquisa Saberes e Práticas Educativas do Programa de pós-graduação em Educação da UFU, financiado pela FAPEMIG. Assim, a publicação da obra pela Editora da UFU também recebeu o apoio financeiro da FAPEMIG.

O primeiro texto de Silvana Malusá Baraúna e Vanessa Oliveira de Moura Alvares, intitulado “Docência Universitária – a prática e a formação do professor engenheiro” apresenta o resultado de uma revisão de literatura que as autoras fizeram sobre as produções teóricas a cerca do Ensino de Engenharia e da atuação do engenheiro como docente universitário. A pesquisa tem como objetivo perceber a necessidade da formação ou capacitação do bacharel engenheiro procurando entender a formação como um processo consciente, deliberado, participativo e permanente, objetivando também a melhoria tanto do desempenho quanto dos resultados do trabalho docente. As autoras concluem que no ensino de Engenharia os docentes precisam de espaços para troca de experiências e discussão de situações diversas da prática pedagógica ocorrida em sala de aula.

O texto “A Educação Ambiental no curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Uberlândia – a percepção dos recém-formados” dos pesquisadores, Ana Maria de Oliveira Cunha e Melchior José Taveres

* Doutoranda em Educação na Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: lcmpedagogia@yahoo.com.br

Júnior, que se propuseram a investigar a ênfase dada a educação ambiental no curso de Ciências Biológicas da Universidade Federal de Uberlândia. A pesquisa foi realizada com 11(onze) recém-formados do curso de Biologia (licenciatura). Os autores apresentam uma discussão sobre a educação ambiental como uma proposta que altera profundamente a educação escolar, não sendo necessariamente uma prática pedagógica voltada para a transmissão de conhecimentos de ecologia. Trata-se de uma educação que visa não só a utilização racional dos recursos naturais, mas, basicamente a participação dos cidadãos nas discussões e decisões sobre a questão ambiental. Com os resultados da pesquisa ocorreu uma mudança curricular no Curso de Biologia pesquisado com a inserção da disciplina de Educação Ambiental (teórica e prática) e com a discussão de que tal disciplina terá que permear todo o currículo do curso.

O texto “Experiências de formação de professores de História do estado de Minas Gerais (anos 1980 e 1990)” das autoras Selva Guimarães Fonseca e Ilka Miglio de Mesquita abordam o processo de formação de professores de História, tendo como objeto de estudo o processo de formação do professor em cursos de graduação em História, nos anos de 1980 a 1990. Para desenvolver a pesquisa as autoras selecionaram três cursos superiores de História oferecidos por universidades brasileiras (PUC-MG, UFMG e UFU). Para as pesquisadoras, a separação entre a formação pedagógica e a disciplina específica apresenta dificuldades para o processo formativo integral do professor de História. Ressaltam também que a dicotomia entre os conhecimentos históricos e historiográficos, pedagógicos e curriculares constitutivos dos currículos dos cursos de História tem gerado, historicamente, controvérsias sobre a desarticulação entre os professores formadores e as disciplinas específicas, metodológicas ou didático-pedagógicas. Concluem que: “na História construída estão presentes: opções, sentimentos, expressões, interpretações, tratamentos” e que esses fazem-nos compreender que formar professor de História envolve vários significados. Elas defendem “uma formação inicial que garanta embates criativos e transformadores”; os professores pesquisados apontaram lacunas em sua formação inicial como as reconhecem e como constroem sua profissão com base no que o curso proporcionou, o docente tem consciência da necessidade de se aperfeiçoar.

O estudo de Rejane Maria Ghisolfi da Silva intitulado “Epistemologia

e construção de materiais didáticos digitais” tem como objeto de estudo dar a conhecer as concepções sobre ciência e construção do conhecimento científico relacionadas ao objeto de aprendizagem. Discutindo como as lógicas que sustentam a formação docente não têm apostado no computador como mais um recurso didático colocado à disposição de professores e alunos, para a inovação educativa. A pesquisa envolveu uma equipe multidisciplinar (professores e alunos) das áreas de Informática e Química. A autora concluiu que os “futuros professores ainda assumem uma posição epistemológica que se aproxima da tendência empirista sobre a natureza das ciências o que exige uma mediação intencional para aproximar a imagem de ciência das orientações didáticas atuais”.

A caixa de Pandora – o espírito investigativo em modos digitais” de Arlindo José de Souza Junior e Aldeci Cacique Calixto tem como objetivo principal “entender melhor como a nossa necessidade de conhecer, de descobrir, pode se redesenhar em modos digitais e como os docentes estão lidando com o ensino da pesquisa e o ensino com pesquisa”. O trabalho de pesquisa foi realizado com professores de uma escola particular de Uberlândia, esses foram convidados (participação voluntária) para um ‘Curso de Internet na escola’. Tendo como foco investigar os professores que usassem internet como recurso de ensino para responder a duas perguntas: “a) que saberes são mobilizados pelos professores no uso da internet como recurso educativo? e b) quais são as possibilidades educativas na/da internet?”. Os autores fazem alguns apontamentos conclusivos: “entendemos o saber como algo dinâmico” e que não seria interessante listar saberes a serem ensinados aos professores; “saberes são mobilizados em situação e construídos pelos professores no âmbito do trabalho” e que na condição de pesquisadores esperam ter feito apontamentos que produzam a necessidade de investigações mais profundas sobre as concepções pedagógicas que sustentam a prática docente no ensino da pesquisa e no ensino com pesquisa

O texto “Deficiência mental e inclusão escolar – o que pensam os professores” apresenta resultados de uma pesquisa desenvolvida por Arlete Aparecida Bertoldo Miranda e Mábia Cardoso Oliveira, com o objetivo de “compreender as concepções dos professores de alunos que apresentam deficiência mental incluídos na classe comum do ensino regular. Colaboraram com a pesquisa nove professoras do Ensino Fundamental

da pré-escola a quarta série, de uma escola estadual de Uberlândia, que possui alunos com deficiência mental e que estavam inseridos em salas de aulas. Após a exposição sobre concepções de inclusão, de deficiência mental e do aluno com deficiência mental as autoras apresentam algumas considerações finais, são elas: “podemos salientar que as formas de pensar das professoras sobre temas relacionados a inclusão estão sendo construídas”; “Observamos que os deficientes mentais incluídos [...] estão a margem do processo ensino-aprendizagem”; e “os professores estão se ‘familiarizando’ com a ideia de tê-los em suas salas de aula regular”.

Graça Cicillini e Carmem Lúcia de Almeida, autoras do texto “Igualdade de direitos e direito à diferença – interfaces no cotidiano escolar”, apresentam uma reflexão sobre a rapidez, a compressão, a complexidade e a incerteza provocadas pelo mundo contemporâneo e os desafios aos sistemas escolares e aos professores. Para o desenvolvimento da pesquisa selecionaram uma escola que se identificasse com os princípios da Escola Plural, elas fizeram mais de 240 horas de observação participante e entrevistas semi-estruturadas com quatro docentes. Segundo elas o envolvimento dos docentes no processo de mudança é vital e deve representar mais do que a aquisição de novos conhecimentos sobre currículos ou técnicas de ensino, e que “questões relacionadas com a escolha da profissão e as histórias de vidas poderiam ser acionadas nos cursos de formação [...], pois vimos que os docentes são aprendizes sociais” que passam a incorporar uma diversidade cultural (raça, gênero, etnia, etc).

Em “(In) disciplina e cotidiano escolar – uma possibilidade de compreensão”, Mirtes Dias da Cunha e Núbia Silva Guimarães Paiva apresentam parte de uma pesquisa realizada em 2003-2004 sobre disciplina na escola. Com o objetivo de analisar a questão da indisciplina na sala de aula, “procurando entender e evidenciar como os professores e alunos lidam com os aspectos disciplinares no cotidiano da escola”. As autoras abordam dois aspectos do estudo que segundo elas merecem reflexão. Primeiro, não é possível afirmar de forma definitiva o que é disciplina e indisciplina. Segundo, é importante pensar o cotidiano escolar como espaço de constituição do sujeito e de formação de professor e aluno como um espaço de convivência.

No último texto “Movimento corporal: a comunicação não-verbal na sua prática educativa” as autoras Maria Veranilda Soares Mota e Leonice

Matilde Richter têm por objetivo compreender como o corpo, o movimento corporal da criança é trabalhado na educação infantil. A pesquisa foi realizada em uma instituição situada em uma região periférica que oferece do maternal a pré-escola, e que atendia no ano de 2005 (ano de desenvolvimento da pesquisa) 176 (cento setenta e seis) crianças provenientes de famílias de baixa renda. As pesquisadoras focaram na relação das professoras com o movimento corporal das crianças e acompanharam durante cinco meses a rotina da turma (de 28 crianças na faixa etária de 5 e 6 anos, sendo 11 meninas e 17 meninos), o trabalho da professora regente, da professora de Educação Física e da professora complementadora de carga horária. As pesquisadoras perceberam após os diálogos estabelecidos com as professoras que existe uma distância entre o discurso proferido e a prática por elas executada. As professoras não praticam o que interpretam da teoria. A partir dessas constatações as autoras entendem que “a forma como se estuda nos cursos de formação não permite que se incorpore o entendimento das teorias como também não propicia uma visão da expressão vida da criança como nos ensina Reiche (1999)”

A obra “Formação Docente: saberes e práticas pedagógicas” é escrita de maneira clara e objetiva. A apresentação dos artigos é feita com uniformidade. Na apresentação, as organizadoras fazem um breve resumo dos principais temas discutidos nos diversos textos do livro.

A obra apresenta uma abordagem comparativa sobre os vários enfoques da formação docente, seus saberes e suas práticas. Assim, pode constituir um texto básico de cursos e seminários que lidam com a problemática da formação de professores, pois focaliza diferentes dimensões e múltiplos espaços de formação.

O livro é um convite à reflexão sobre modos, conceitos e paradigmas de formação de docentes para o exercício da profissão em diversas áreas, níveis e realidades escolares e universitárias.

Data de registro: 08/10/08

Data de aceite: 24/02/10